

MERCADO DE TRABALHO, PRODUÇÃO CIENTÍFICA, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E PÓS-GRADUAÇÃO*

Acácia Aparecida Angeli dos Santos
(U.S. Francisco)

Inicialmente, desejo agradecer à Prof^a Dr^a Geraldina Porto Witter, coordenadora do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da PUC, pelo convite que me fez para participar deste I Encontro de Ex-Alunos dos cursos de Pós-Graduação sobre "Mercado de Trabalho, Produção Científica, Atuação Profissional e Pós-Graduação".

O desafio do tema é realmente extraordinário porque nos leva a avaliar o significado e a contribuição dos cursos de pós-graduação para a ciência e a educação no Brasil. É bastante corajosa a iniciativa da PUC em abrir este debate e em se dispor a colher dados sobre os egressos dos cursos de Pós-Graduação que colocou no mercado de trabalho. Sem dúvida, desta forma é possível sair de uma avaliação apenas numérica (número de dissertações defendidas/ número de trabalhos publicados) e descortinar dados qualitativos que contribuirão para o reconhecimento de limites e para a identificação de novas possibilidades.

O pano de fundo das questões a que estamos nos propondo a discutir hoje é o da **qualidade de ensino**. Quando nos referimos à relação existente entre a Pós-Graduação; a produção científica e o mercado de trabalho estamos realmente nos perguntando se tem havido uma relação de eficiência e mesmo de pertinência entre eles (Demo, 1990).

A Pós-Graduação não tem sentido de existência se, de fato, não contribuir de maneira eficaz para a melhoria do ensino de graduação e para o aumento da produção de conhecimento na área, visto que sua finalidade, expressa no Parecer 977/65 do Conselho Federal de Educação, é a de formar professores para o Ensino Superior e a de produzir pesquisadores para a Ciência e Tecnologia.

*1 Apresentado no I Encontro de Ex-alunos de Pós-Graduação da PUCAMP.

entando fazer uma auto-análise da trajetória percorrida em 20 anos propus-me a fazer uma reflexão sobre a contribuição da pós-graduação com relação a dois aspectos básicos: na capacitação para a docência e na capacitação para a pesquisa.

Foi praticamente coincidente o início da minha carreira como docente de 3º grau e o início do curso de Pós-Graduação em Psicologia aqui na PUCG. Ambos sofremos os percalços de algo que se inicia... A primeira atitude que tive enquanto professora foi seguir o modelo da graduação pela qual havia aprendido a disciplina que fui ministrar: Psicologia Experimental. As dificuldades iniciais geradas na maior parte das vezes pela inexperiência, foram inúmeras.

Neste contexto, a ligação com a pós-graduação significou uma abertura de horizontes, com acesso permanente a um conhecimento mais recente. Muitos professores (alguns estrangeiros) nos marcaram nitidamente, tanto intelectual como afetivamente. Houve época em que a dificuldade de estrutura do curso se refletiu diretamente no nosso nível de motivação, comprometendo-o. Fundamentalmente, no entanto, o curso contribuiu significativamente em alguns aspectos fundamentais, que aqui ressalto: a) sensibilizou-nos para a necessidade constante de leitura; b) permitiu o desenvolvimento do discurso científico como instrumental de trabalho; c) possibilitou um contato bastante enriquecedor com outros colegas de profissão.

Considerando todas as críticas que têm sido feitas à estrutura da pós-graduação no Brasil, é possível constatar-se que muitos dos cursos de pós-graduação existentes não têm conseguido garantir estas condições indispensáveis (Beiguelman, 1990; Hegenberg, 1990).

Como consequência direta na nossa atuação como docente, surgiu a preocupação de tornar acessível aos nossos alunos de graduação o conhecimento novo que obtínhamos na pós-graduação. Compartilhar, passou a ser um objetivo freqüente entre os professores pós-graduandos, que formavam grupos de estudo e/ou envolviam os alunos de graduação nos seus trabalhos de pesquisa. Acredito que desde então adquirimos e transmitimos a "inquietação intelectual", como padrão de comportamento, para muitos dos alunos com os quais convivemos.

Com relação ao segundo aspecto, a de capacitação para pesquisa, considero que o primeiro trabalho significativo tenha sido o que originou a dissertação de mestrado. Felizmente não foi o único, visto que tem sido demonstrado que grande parte da produção de pesquisa na Universidade tem apenas a finalidade de titulação (Luna, 1992).

A partir de então, embora trabalhando numa instituição que ainda não era Universidade e que em função disto não possuía um espaço formal para

o desenvolvimento de projetos de pesquisa, havia sido despertado o interesse em trabalhar em pesquisa.

O espaço institucional foi conquistado palmo a palmo, a partir de uma circunstância favorável. Juntamente com uma colega de trabalho (Prof^a Sofia H.P. Nucci) descobrimos a existência de um Programa de Financiamento mantido pelo MEC-SESU para projetos de integração entre o ensino superior e o 1º grau. Foi a chance que encontramos para elaborar um projeto que envolvia os alunos do curso de Psicologia das Faculdades Franciscanas de então, e algumas das escolas públicas da cidade de Itatiba. O referido projeto recebeu a aprovação e o auxílio financeiro desejado, tanto no MEC como da própria Instituição, que passou a remunerar as horas em que atuávamos nele.

O fato de estar trabalhando como supervisora de estágios em Psicologia Escolar motivou o meu ingresso no Doutorado da área, existente na USP. A partir daí, houve um envolvimento, cada vez maior, com atividades de pesquisa, favorecido também pelo apoio financeiro recebido do CNPq. O projeto de pesquisa, então desenvolvido, foi voltado para os próprios alunos da Universidade, envolvendo a avaliação de procedimentos para a melhoria do nível de compreensão em leitura. Outro projeto de pesquisa, decorrente do trabalho do doutorado, está em fase final de desenvolvimento e foi realizado com financiamento interno e externo, desta vez da FAPESP

É importante destacar também que a partir de 1990, a Universidade São Francisco criou uma Divisão de Pesquisa com o objetivo de dar apoio formal a projetos de pesquisa dos seus docentes. Tenho participado deste trabalho na coordenação da Divisão. A existência deste apoio institucional tem incentivado o corpo docente a apresentar projetos de pesquisa para os quais recebem não só horas-atividade, como também auxílio financeiro compatível com as necessidades do projeto. A participação ativa neste empreendimento tem tido um significado especial por possibilitar a realização de algumas antigas reivindicações.

Neste exercício de revisão de vida acadêmica, considero que algumas razões de ordem pessoal tenham sido decisivas para a escolha da pesquisa como atividade preferencial. Entre estas razões seria impossível deixar de me referir ao papel preponderante desempenhado pelas duas orientadoras com as quais trabalhei, tanto no mestrado (Prof^a Dr^a Anita Liberalesso Neri) como no doutorado (Prof^a Dr^a Geraldina Porto Witter). Acredito que esta função deve ser especialmente considerada na avaliação dos cursos de Pós-Graduação, e proposta uma intensificação da relação orientador-orientando de modo a propiciar oportunamente para discussões e aprofundamentos constantes e uma verdadeira vivência em pesquisa.

Finalizando, mais uma vez gostaria de parabenizar os coordenadores dos cursos de Pós-Graduação da PUCG pela iniciativa que nos permitiu esta

oportunidade de pensarmos, em conjunto sobre a nossa tarefa de professores e alunos e conseqüentemente sobre o nosso comprometimento com a vida na Universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIGUELMAN, B. (1990). Uma análise da Pós-Graduação. **Ciência Hoje**, Novembro: 18-21.

DEMO, P. (1990). **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo**. São Paulo: Cortez.

HEGENBERG, L. (1990). Repensando a Pós-Graduação. **Psicologia-USP**, 1 (1) 89-92.

LUNA, S.V. (1992). Pesquisa, docência e produção. In: Arlete D'Antola (org). **A prática docente na Universidade**, São Paulo: EPU.